

Ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem: um enfoque da fenomenologia social*

Being a nurse after having been a nursing student-worker: an approach of social phenomenology

Ser enfermero habiendo sido estudiante-trabajador de enfermería: un enfoque de la fenomenología social

Maria Lucia Alves de Sousa Costa¹, Miriam Aparecida Barbosa Merighi², Maria Cristina Pinto de Jesus³

RESUMO

Objetivo: Compreender a transição de ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem na relação face a face com outros enfermeiros de formação convencional. **Métodos:** Estudo de abordagem qualitativa fundamentada na Sociologia Fenomenológica de Alfred Schutz. Foram realizadas 15 entrevistas, sendo oito com enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem e sete com enfermeiros de formação convencional que exerciam supervisão ou chefia de unidades de enfermagem. Os discursos foram analisados segundo esse referencial teórico-metodológico. **Resultados:** Ser enfermeiro tendo sido antes estudante-trabalhador de enfermagem em um mundo com outros enfermeiros significa vivenciar uma transformação não somente no seu fazer cotidiano, mas também transformar seu próprio meio interno, seu comportamento e relacionamento social. **Conclusões:** Há necessidade de investimento por parte dos órgãos formadores e da educação continuada das organizações hospitalares no sentido de um olhar atento para o estudante-trabalhador de enfermagem que está se formando enfermeiro.

Descritores: Educação em enfermagem; Trabalhadores; Estudantes de enfermagem; Enfermeiras; Enfermeiros; Filosofia em enfermagem; Pesquisa qualitativa

ABSTRACT

Objective: To understand the transition from being a nurse after having been a nursing student-worker in the face-to-face relationship with other nurses from conventional graduation. **Methods:** This is a study using qualitative approach founded on the Phenomenological Sociology proposed by Alfred Schutz. Fifteen interviews were carried out, of which eight were performed with nursing student-workers, and seven with nurses who underwent conventional graduation and held supervision or leader positions in nursing units. The reports were analyzed according to this theoretical-methodological framework. **Results:** Being a nurse after having been a nursing student-worker in a world with other nurses means experiencing a transformation in not only one's everyday routines, but also one's inner being, behavior, and social relationship. **Conclusions:** There is a need for educational organizations and hospital institutions to invest in continuous education with a view to look carefully at nursing student-workers who are studying to become a nurse.

Keywords: Nursing education; Workers; Students, nursing; Nurses; Nurses, male; Philosophy, nursing; Qualitative research

RESUMEN

Objetivo: Comprender la transición de ser enfermero habiendo sido estudiante-trabajador de enfermería en la relación frente a frente con otros enfermeros de formación convencional. **Métodos:** Se trata de un estudio con abordaje cualitativo fundamentado en la Sociología Fenomenológica de Alfred Schutz. Se llevó a cabo 15 entrevistas, de las cuales ocho con enfermeros que fueron estudiantes-trabajadores de enfermería y siete con enfermeros de formación convencional que ejercían supervisión o jefatura de unidades de enfermería. Los discursos fueron analizados según ese referencial teórico-metodológico. **Resultados:** Ser enfermero habiendo sido antes estudiante-trabajador de enfermería en un mundo con otros enfermeros significa vivenciar una transformación no sólo en su quehacer cotidiano, sino también en su propio medio interno, su comportamiento y relación social. **Conclusiones:** Hay necesidad de inversión por parte de los órganos formadores y de la educación continuada de las organizaciones hospitalarias en el sentido de una mirada atenta al estudiante-trabajador de enfermería que se está formando como enfermero.

Descriptores: Educación en enfermería; Trabajadores; Estudiantes de enfermería; Enfermeras; Enfermeros; Filosofía en enfermería; Investigación cualitativa

* Trabalho extraído da tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil.

¹ Doutora, Professora da Faculdade de Enfermagem da Santa Casa de Misericórdia - São Paulo (SP), Brasil.

² Livre Docente, Professora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil.

³ Doutora, Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), Brasil.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o fenômeno “estudante-trabalhador de enfermagem” vem crescendo nos cursos superiores de Enfermagem. A procura parece continuar em franca ascensão, justamente por seduzir o estudante-trabalhador que, altamente motivado, superará grandes desafios para tornar-se enfermeiro.

Por ocasião da elaboração da dissertação de mestrado, Costa, por meio do método qualitativo, descreveu a percepção que o estudante-trabalhador de enfermagem tinha de sua condição socioeconômica e cultural, suas adversidades e expectativas e compreensão de seu retorno aos bancos escolares depois de rompida a seqüência acadêmica, em busca de um curso de nível superior, por que o fazia apesar de tantas adversidades, e o que esperava de um diploma de enfermeiro⁽¹⁾.

Os sujeitos daquela pesquisa denunciaram uma “situação existencial quase insuportável” por terem que conciliar trabalho e estudo, sem poder dedicar-se adequadamente a estas atividades, sem tempo para o lazer e a família, apresentando dificuldades financeiras, pois grande parte do orçamento era destinada ao pagamento de mensalidades escolares. No entanto, apesar desta situação, não abandonaram o curso⁽¹⁾.

Costa apontou em sua tese de doutorado as características dos alunos pertencentes à instituição de ensino, cenário de sua pesquisa, e ressaltou que os mesmos eram de uma faixa etária acima da que comumente se observa em uma universidade pública, muitos até mais velhos do que os professores e, além de já atuarem profissionalmente, tinham família constituída para sustentar⁽²⁾.

A autora salientou que os professores dessa instituição consideravam esse tipo de aluno “problemático”, pois alguns vinham cansados para as aulas após jornada de trabalho em plantão noturno e outros saíam apressados para trabalhar à tarde. Além disso, muitos apresentavam baixo rendimento em disciplinas teóricas, alegando não ter tempo nem disposição para estudar, no entanto, em aulas práticas e estágios, tinham domínio das habilidades motoras e conhecimento prático acumulado por anos de experiência de trabalho em hospitais. A oferta do curso de graduação em um único período do dia possibilitava aos alunos manter um ou mais empregos no período da tarde ou da noite e, ao mesmo tempo, estudar.

A aspiração à formação superior em Enfermagem é para eles prioritária; constitui a oportunidade de ascensão profissional e social que o diploma de curso superior pode proporcionar.

Por outro lado, nossa prática mostra que muitos enfermeiros fazem sérias restrições ao falar sobre os colegas que, em sua trajetória profissional, tinham sido auxiliares ou técnicos de enfermagem. Esse assunto suscita muita discussão, na medida em que aumenta o número de profissionais com estas características no mercado de trabalho.

Os enfermeiros que tiveram uma formação profissional convencional e os que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem enfrentam uma nova situação nesse relacionamento que agora se impõe, quando passam a

compartilhar o mesmo tempo e espaço, não mais como profissionais de nível superior e de nível médio, mas como pessoas de mesmo nível profissional, numa relação face a face em que a definição de cada papel tem que ser agora redefinida.

Frente a estas considerações, o presente estudo objetivou compreender a transição de ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem na relação face a face com outros enfermeiros de formação convencional.

Acreditamos que este tipo de profissional é, atualmente, uma realidade no mercado de trabalho e sua presença deve ser valorizada para que se possa oportunizar o desenvolvimento de seu potencial e levar à superação da situação constatada.

Trajectoria teórica-metodológica

O que intentamos apreender por meio deste estudo foram os motivos que caracterizam as ações humanas, porém não no contexto individual da ação, acreditando que se tornar enfermeiro não representa uma ação individual. Embora vivenciada pelo ex-aluno que ingressa na vida profissional, essa ação acontece num mundo com os outros e tem, por isso, um significado intersubjetivo, contextualizado no mundo social.

Desse modo, para dar conta da temática sob a ótica do vivido, optamos pela pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico, pois a fenomenologia propõe-se compreender o homem a partir de uma realidade vivenciada por ele, intencionalmente, de forma envolvente e compartilhada com seu mundo vida. Buscando a possibilidade de compreender o fenômeno “enfermeiro que foi estudante-trabalhador de enfermagem em um mundo com outros enfermeiros”, vimos na Fenomenologia Social de Alfred Schutz uma possibilidade; por meio deste referencial, poderíamos compreender o vivido desses enfermeiros no seu cotidiano como elementos que atuam, interagem e se compreendem dentro do mundo da vida.

Schutz, ao investigar os impulsos subjetivos da ação humana, encontra a teoria da motivação e nos revela o duplo caráter da motivação existencial: os homens agem em função de motivações dirigidas a objetivos que apontem para o futuro, denominadas de “motivos a fim de” ou “motivos para”. Por outro lado, os homens têm razões para as suas ações e preocupam-se com elas. Essas razões estão enraizadas em experiências passadas, na personalidade que um homem desenvolveu durante sua vida. Schutz as denominou “motivos por que”. Insistiu em que os significados subjetivos das motivações devem ser claramente diferenciados de seus significados objetivos⁽³⁾.

No decorrer da experiência de realizar uma ação, de acordo com o seu plano preconcebido, o ator vivencia diretamente os seus “motivos a fim de”. Eles são, portanto, essencialmente subjetivos. Ao contrário, enquanto age, ele não está consciente de seus “motivos por que”. Só os pode entender em retrospectiva, num ato de reflexão, que pode ocorrer, mas não necessariamente, depois de terminado o

ato. Por outro lado, mesmo um observador pode ser capaz de reconstruir os “motivos porque” de um ato, com base no ato consumado⁽⁴⁾.

Para a Fenomenologia Social, não importa investigar o comportamento individual, particular de cada ator, pois o foco de interesse deve constituir-se como uma característica típica de um grupo social que está vivendo uma determinada situação típica⁽⁵⁾.

Tipologia é uma estrutura conceitual analítico-descritiva, inconfundível com a teoria explicativa, sua utilidade é restrita; trata-se de um instrumento de pesquisa e não de método de explicação que serve para a ordenação dos fenômenos, para indicar os seus modos de articulação e para ver como se apresenta a articulação do sentido⁽⁶⁾.

As concepções teóricas da Fenomenologia Social aqui delineadas foram utilizadas como fundamento da compreensão de como se dá a vivência intersubjetiva de enfermeiros de formação convencional e enfermeiros que, em sua trajetória de vida, foram estudantes-trabalhadores de enfermagem, bem como para desvelar o que pode estar oculto na transição de ser enfermeiro tendo sido antes um estudante-trabalhador de enfermagem.

À luz da Fenomenologia Social de Alfred Schutz, procuramos estabelecer o “tipo vivido” enfermeiro de formação convencional, o “tipo vivido” enfermeiro que foi estudante-trabalhador de enfermagem, bem como o tipo da relação face a face entre esses tipos vividos, obtendo, a partir daí, os “motivos para” e os “motivos por que” desses dois tipos de enfermeiros no enfrentamento da situação de ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem.

MÉTODOS

Para a realização desta pesquisa, foram envolvidos enfermeiros de formação convencional que exerciam cargos de supervisão ou chefia de unidade de enfermagem, tendo sob sua supervisão enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem, não necessariamente os mesmos que foram entrevistados e enfermeiros que, em sua trajetória de vida ou durante o curso superior, exerceram atividades de auxiliar ou técnico de enfermagem.

Pela natureza metodológica do estudo, não estabelecemos o número de enfermeiros a serem entrevistados, encerramos as entrevistas quando percebemos a convergência de “motivos para” e “motivos por que” nas falas dos sujeitos. Realizamos 15 entrevistas, sendo oito com enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem e sete com enfermeiros de formação convencional que exerciam supervisão ou chefia de unidade de enfermagem.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que garantia o sigilo e o anonimato, conforme a Resolução nº

196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata da ética em pesquisa com seres humanos⁽⁷⁾.

Escolhemos para região de inquérito dois hospitais (um público e um particular) da cidade de São Paulo, que tinham os dois tipos de enfermeiros convivendo em um mesmo tempo e espaço, em uma característica relação face a face.

Os dados foram coletados nos meses de maio e junho de 2000, por meio de entrevistas individuais, seguindo a abordagem fenomenológica. Fomos ao encontro dos depoimentos dos sujeitos sem interpretações prévias, sem roteiros ou perguntas diretas, procurando adotar uma postura ao conduzir a pesquisa que nos possibilitou “reavivar, tematizar e compreender eideticamente os fenômenos da vida cotidiana, à medida que tais fenômenos são vividos, experienciados e conscientemente percebidos”⁽⁸⁾.

A pesquisa teve como questões norteadoras para os enfermeiros de formação convencional: como você vê os enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem? Para os enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem: como é, para você, ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem?

Ao iniciar o encontro com os enfermeiros, explicitamos os objetivos da pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos, bem como solicitamos autorização para gravar os depoimentos, o que foi aceito pela totalidade dos sujeitos.

RESULTADOS

Os discursos foram analisados conforme as indicações de pesquisadores da fenomenologia social^(5,9-10). Em um cuidadoso e paciente trabalho de agrupar e reagrupar as falas dos sujeitos por critérios de similaridade, obtivemos categorias concretas do vivido de tal modo que essas categorias traduzem o ponto de vista de enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem e de enfermeiros de formação convencional na relação face a face vivenciada.

Surgem, assim, nas categorias concretas do vivido, a tipologia do enfermeiro que foi estudante-trabalhador de enfermagem e a do enfermeiro de formação convencional, constituído pelos “motivos para” e “motivos por que” de cada tipo na relação face a face que vivenciam.

A trajetória metodológica possibilitou descrever dois tipos vividos de enfermeiros que convivem em uma relação social face a face marcada por importantes paradoxos.

Análise compreensiva do tipo vivido enfermeiros que foram estudantes – trabalhadores de enfermagem

Respondendo à questão norteadora, os enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem conduziram-nos à compreensão da ação: “ser

enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem em um mundo com os outros enfermeiros” formados de modo convencional.

Buscamos em seus discursos os “motivos para”, ou seja, os projetos que os impulsionaram a tornar-se enfermeiros. Obtivemos as seguintes categorias: Transformando-se; Desafios institucionais; Readaptando-se e Reconhecimento.

Na categoria transformando-se, relataram que desejavam transformar-se em enfermeiros, porém precisavam sair de uma situação que dominavam para outra que desconheciam e perceberam, então, a grande dificuldade, a tarefa hercúlea a enfrentar. Destacamos, a seguir, o trecho da fala de um enfermeiro: *“No começo, eu me perdi muito porque eu achava que eu tinha que estar junto com o paciente, junto com o auxiliar, ajudar a virar, ajudar a fazer controle e essa não é a visão do enfermeiro; até é, mas depende da situação, mas, no meu caso, como eu veria, na instituição não era esse o caso...”*

O grupo de auxiliares/técnicos de enfermagem tem um intenso contato com o grupo de enfermeiros; convive com eles diariamente na situação de subalternos na hierarquia da enfermagem; no entanto, quando busca a inserção no novo grupo, afirma desconhecer como é atuar como enfermeiro, qual é o papel do enfermeiro, qual é a visão do enfermeiro, como se não conseguisse decodificar uma mensagem subliminar, um código de conduta esperado, que nem a convivência com os enfermeiros nem o curso de graduação foram capazes de ajudar a decifrar.

Os membros do grupo social auxiliares/técnicos de enfermagem têm um sistema de costumes definido pelo próprio grupo. Esse sistema, segundo Schutz⁽¹¹⁾, originado em situações anteriores, criou um código de interpretações que, até então, se mostrou eficiente, por isso foi incorporado pelo grupo. Por esse código, o mundo vai continuar a ser como sempre foi, e qualquer coisa realizada novamente, do mesmo modo, terá resultado semelhante. O grupo tenderá a utilizar esse código sempre, pois se mostrou eficiente, mas, agora, quando busca transformar-se em enfermeiro, o código anterior não serve, mostra-se ineficiente no novo grupo; esse grupo não recebeu, junto com o diploma de enfermeiro, o decodificador do novo código.

Os enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem vislumbravam enfrentar desafios institucionais para tornarem-se enfermeiros. Relataram ter que sair do turno, setor ou instituição onde trabalharam como auxiliares/técnicos de enfermagem para chegar ou voltar com novas competências, conforme podemos constatar na verbalização de um dos sujeitos: *“...antes de ingressar como enfermeiro, eu tive que sair do hospital, para mim entrar com uma cara nova, não sei se é preconceito ou o que é, mas eu tive que sair...”*

Na busca de aceitação por parte da equipe de enfermagem, os enfermeiros que foram estudantes-

trabalhadores de enfermagem buscavam readaptar-se para serem aceitos pelo novo grupo, do qual anteriormente eram subalternos, mas com o qual compartilham agora o mesmo nível hierárquico.

O enfermeiro que busca sua inserção no novo grupo podia ser considerado antes, como trabalhador de nível médio, um observador desinteressado do relacionamento que havia entre enfermeiros. Ele os observava, mas não podia participar desse contexto por ter competência diferenciada do enfermeiro. A idéia de padrão cultural do novo grupo existe para o estranho em função do código de interpretação de seu grupo de origem; contudo, o estranho que chega a um novo grupo está próximo de se transformar de um observador desinteressado em um futuro membro do novo grupo. O padrão cultural do novo grupo então não é mais tema do seu pensamento, mas um segmento do mundo que tem que ser dominado por meio de ações⁽¹⁰⁾.

Tomando os conceitos de Schutz sobre código de interpretação das experiências passadas com vistas às decisões futuras, pensamos que o enfermeiro que foi auxiliar/técnico de enfermagem agora tem que realizar ações que têm por objetivo integrá-lo ao grupo dos enfermeiros. Por isso ele procura reelaborar o relacionamento que tinha com esse grupo, mas o faz por meio de seu sistema de coordenadas usadas como código de referência na vida de auxiliar/técnico de enfermagem, bem como de um comportamento de submissão, que aprendeu quando era auxiliar/técnico. O trecho, a seguir, ilustra tais afirmações: *“talvez, por eu ter sido auxiliar e tudo mais, eu tento ficar um pouco mais atrás...”*

Os discursos revelam que esses sujeitos pedem socorro à supervisão de enfermagem para mediar o difícil relacionamento que têm com os colegas enfermeiros: *“...em relação às enfermeiras, eu tive alguns problemas porque algumas colegas não aceitavam e era bem assim mesmo, de você chegar e não te respeitar como profissional de igual para igual, realmente existiu e ficava um clima bastante pesado, entrava mesmo em debate, era bastante constrangedor, eu sempre lutando... era difícil a convivência”*.

Na busca do reconhecimento de ser enfermeiro, os estudantes-trabalhadores de enfermagem vislumbravam também readaptar-se ao relacionamento com os auxiliares e técnicos de enfermagem, pois, até então, pertenciam ao mesmo nível hierárquico, ao mesmo grupo social, agora, os novos enfermeiros precisam realizar ações no sentido de diferenciá-los do grupo de origem e de dar-lhes *status* de “líderes”, característico do novo papel que assumem.

Esses sujeitos relatam insegurança por terem que trabalhar com os ex-colegas e dificuldades no novo relacionamento, pois percebem que há necessidade de mudar e que essa mudança não é aceita pelos auxiliares e técnicos, que passam a oferecer resistência em aceitá-los como enfermeiros e como líderes.

Estranham o comportamento dos ex-colegas,

esperando encontrar apoio nas pessoas e no ambiente que sempre conheceram e ainda pensam conhecer. Este ambiente e essas pessoas pertencem ao código de referência do ex-auxiliar/técnico de enfermagem, tipificadas como amigas. Imaginam que poderiam apenas tomar isso como verdade e agir como sempre agiram em relação a elas, mas não compreendem o que acontece quando essas pessoas que sempre agiram de um modo esperado (tipificado) passam a agir de outra maneira. A verbalização a seguir ilustra a surpresa do enfermeiro que foi estudante-trabalhador de enfermagem: “...*eu ficava pensando assim: em que local eu estou? Que país é este? Que, de repente, ao invés de ser bem acolhida pelas minhas próprias colegas, elas acharam ruim porque eu estaria mandando nelas...*”

Neste sentido, Schutz menciona que aquele que deixou seu grupo de origem penetra em outra dimensão social, não abrangida pelo sistema de coordenadas usadas como referência na vida daqueles que ficaram. Com o corte no tempo e espaço comuns, reduz-se o campo dentro do qual as expressões do outro se manifestam e estão abertas à interpretação⁽¹¹⁾.

Este fato assemelha-se ao que acontece com os enfermeiros que foram auxiliares/técnicos de enfermagem, pois, além de estarem mudando de grupo social, esses sujeitos foram afastados de seus colegas de turno, setor ou instituição. Assim sendo, o resultado foi uma quebra da relação face a face e perda da continuidade de uma história que vinha sendo construída em comum, agora não mais compartilhada na mesma situação biográfica.

Tendo examinado e compreendido os “motivos para” das ações que impulsionaram esses sujeitos a tornarem-se enfermeiros, é necessário agora buscar nos “motivos por que”, as razões que moveram essas pessoas em direção a esse projeto. Essas razões estão na própria gênese do projeto e são encontradas nas experiências passadas.

A valorização por ter cursado a faculdade e a segurança na execução de procedimentos constituíram o contexto de significados que configuram os “motivos por que”. Percebe-se que a experiência e a destreza na prática de cuidados de enfermagem podem oferecer segurança para enfrentar os desafios da transformação. Esses sujeitos relataram também que o fato de conhecerem o local de trabalho facilita esse processo, bem como o fato de já terem pertencido à equipe de enfermagem traz segurança sobre a profissão, mesmo antes de exercê-la.

Assim, o tipo vivido “Enfermeiro que foi estudante-trabalhador de enfermagem” pode ser descrito como aquele que passa de uma situação que domina para outra que desconhece; que enfrenta desafios institucionais; que tem que readaptar o relacionamento com auxiliares/técnicos de enfermagem e enfermeiros para deixar de ser auxiliar/técnico e transformar-se em enfermeiro. O fato de ter cursado a faculdade faz com que se sinta

valorizado. Ter sido auxiliar/técnico de enfermagem proporcionou segurança para alcançar esta transformação devido aos conhecimentos técnico-científicos e à experiência acumulada.

Análise compreensiva do “tipo vivido” enfermeiros de formação convencional no relacionamento com enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem

Como vimos, os enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem precisam realizar ações no sentido de serem reconhecidos como enfermeiros, não somente pelos auxiliares e técnicos de enfermagem como também pelos colegas enfermeiros de formação convencional.

Essa necessidade é percebida pelos enfermeiros de formação convencional e surge nos discursos que compõem as categorias Liderança e Aprimoramento profissional, constituindo, assim, os “motivos para” de enfermeiros de formação convencional no relacionamento com enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem.

Assumir o papel de líder da equipe de enfermagem e se impor na equipe de saúde são considerados relevantes fatores para que o enfermeiro que foi estudante-trabalhador de enfermagem possa diferenciar-se do auxiliar/técnico de enfermagem, inserir-se no grupo social dos enfermeiros e ser reconhecido como tal.

Entretanto, os enfermeiros de formação convencional reconheceram que, para que eles possam chegar à condição de líderes, será preciso superar o fato de terem sido auxiliares/técnicos de enfermagem, como podemos observar nesta fala: “...*o comando fica difícil, não porque ela, talvez ela tenha assim, de repente, foi auxiliar e agora está mandando e tem essa dificuldade, não sei, mas isso a gente espera que seja superado em curto espaço de tempo...*”

Ainda nessa categoria, além de indicar a necessidade de superação desta “dificuldade”, para tornar-se um líder, os enfermeiros de formação convencional referem que os enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem têm “insegurança”, “receio de falar” e “não sabem fazer o jogo de administrar”.

Dessa maneira, realizar a transformação desejada e esperada não constitui uma tarefa simples; é um processo complexo em que os dois tipos vividos de enfermeiros deverão concordar sobre o que é esperado do comportamento daqueles que deixam de ser auxiliares/técnicos de enfermagem para tornarem-se enfermeiros.

Nesse processo de transformação, deve-se considerar que os dois tipos vividos de enfermeiros oriundos de grupos sociais diferentes têm sistemas de relevâncias válidos para eles, que diferem porque foram construídos a partir da situação biográfica de seus membros, de suas histórias vividas em conjunto. Esse

sistema, para cada grupo, é tido como um código não questionável. Segundo esse código, o padrão de comportamento dos indivíduos vindos de um outro grupo social não é aceito, pois não coincide com aquele tido como correto, não tem a validade aceita pelo grupo; logo, o comportamento do grupo que busca aceitação é visto como inadequado. Portanto, o enfermeiro que foi auxiliar/técnico de enfermagem precisará rever e reelaborar seu sistema de relevâncias para que seja possível interpretar as mudanças que se desejam dele.

Os enfermeiros de formação convencional na categoria Aprimoramento profissional mostraram que procuram incentivar e cobrar dos enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem que participem de cursos e aprimoramentos para garantir um bom preparo técnico que possibilite desempenhar bem o papel de enfermeiro e, dessa maneira, diferenciar-se dos auxiliares/técnicos de enfermagem.

O contexto de significados, ou seja, os “motivos por que” dos enfermeiros de formação convencional no relacionamento com enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem, mostra a dificuldade que estes demonstram em exercer a liderança por não conseguirem redirecionar o relacionamento com os auxiliares/técnicos de enfermagem; que estão desmotivados para o aprimoramento profissional, justificando-se estas dificuldades pela situação biográfica vivida na condição de estudante-trabalhador de enfermagem.

Os dois tipos vividos de enfermeiros apontam a readaptação como primordial para a transformação. Para que ela ocorra, será necessário que o enfermeiro que foi estudante-trabalhador de enfermagem sintam-se integralmente membro do novo grupo e procure agir da maneira que se espera de um enfermeiro. Mas, como vimos, isso não ocorre, pois ele encontra dificuldades. Seu código de referências não corresponde ao do outro tipo vivido e vice-versa. Eles não fazem ainda a mesma leitura do mundo que os cerca; portanto, apesar de ambos concordarem sobre o que deve ser feito, não concordam com a maneira como é feito.

As atitudes dos enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem em relação aos auxiliares/técnicos de enfermagem são descritas como protecionistas; falta a eles liderança sobre a equipe, permitindo inclusive serem “*desacatados*” por seus subalternos. Esse comportamento de submissão aos subalternos não é reconhecido como pertencente ao código de orientação adequado a um enfermeiro; logo, é tido como inadequado.

Na categoria desmotivação, relataram que os enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem não participam de congressos, cursos e não demonstram interesse na própria evolução

profissional, no entanto a categoria aprimoramento profissional é apontada como um dos “motivos para” necessários para que a transformação seja possível, pois possibilitaria uma nova visão, alteração de comportamento, valorização e dinamismo.

Os enfermeiros de formação convencional descrevem a situação biográfica daqueles que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem sob vários aspectos. Nessa categoria, os enfermeiros de formação convencional resgatam do passado dos enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem as justificativas para a situação atual. Os problemas financeiros pelos quais passaram estes últimos durante o curso de graduação são apontados como responsáveis pela pouca procura por cursos, congressos e aquisição de material de leitura para atualização e aprimoramento profissional.

Essas dificuldades financeiras estariam também na gênese do medo que é evidenciado: “...elas têm medo de perder o emprego, medo de ser ‘chamada a atenção’, medo de não ser um bom profissional, medo de tudo o que aparece...”

Perder o emprego pode significar o agravamento de uma difícil situação financeira que, como já vimos, acompanha este tipo vivido em sua trajetória de vida. A esse medo somam-se outros, pois sabem que são alvo da atenção tanto dos enfermeiros quanto dos auxiliares/técnicos de enfermagem.

A situação biográfica de um homem é determinada pelo ambiente físico e sociocultural em que ele se encontra⁽⁴⁾. Dentro desse ambiente, ele tem seu *status*, sua posição moral e ideológica. Ele tem uma história que foi construída com suas experiências anteriores. Conhecendo a situação biográfica de um homem, podemos, a partir do seu passado, compreender e justificar suas ações presentes e futuras.

O tipo vivido “Enfermeiro de formação convencional no relacionamento face a face com enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem” ficou constituído como aquele que espera que os enfermeiros desenvolvam liderança junto à equipe de enfermagem e se imponham na equipe de saúde, bem como desejam que eles aprimorem-se profissionalmente como forma de alcançar um bom desempenho profissional e possam diferenciar-se dos auxiliares/técnicos de enfermagem, já que o contexto de significados mostra que os mesmos não conseguem redirecionar o relacionamento com esses auxiliares/técnicos, condição necessária para torná-los líderes; estão desmotivados para o aprimoramento profissional, sendo sua condição atual de vida conseqüência de sua situação biográfica.

CONCLUSÕES

Pudemos perceber que ser enfermeiro tendo sido antes estudante-trabalhador de enfermagem em um

mundo com outros enfermeiros significa vivenciar uma transformação não somente no seu fazer cotidiano, mas também transformar seu próprio meio interno, seu comportamento e relacionamento social.

Para que isso ocorra, precisam, segundo o referencial adotado, decodificar um código de orientação que é esperado do enfermeiro; no entanto percebem que nem a convivência com o grupo social dos enfermeiros nem o curso de graduação foram suficientes para fazê-los decifrar o código desconhecido, pois o código esperado de comportamento social de um enfermeiro foi construído por enfermeiros de formação convencional ao longo de toda a história da enfermagem, herdeiros das “*ladies-nurses*”, um grupo social com situação biográfica marcadamente diferente do grupo social dos auxiliares/técnicos de enfermagem.

Por outro lado, os herdeiros das “*nurses*”, o grupo social dos auxiliares/técnicos de enfermagem, também tem seu próprio código de orientação construído sobre sua situação biográfica.

O mundo vida dos dois grupos sociais é bastante diferente, dessa forma, cada um desses grupos utiliza seus próprios sistemas de relevância e códigos de orientação como um guia considerado seguro pelo grupo no relacionamento interpessoal.

Assim, não será instantaneamente que os ex-auxiliares/técnicos de enfermagem conseguirão se “desvestir” de sua vivência para absorver outra cultura, em que algumas crenças e valores não lhes são compreensíveis, estar e se movimentar nela. Deles esperam-se algumas habilidades que são muito particulares e necessárias para desenvolver o processo de gerenciar o trabalho na saúde.

Soma-se a isso o fato de que as escolas de

enfermagem ainda não estão preparadas para discutir a questão da mobilidade profissional e todas as conseqüências que ela acarreta, apesar do grande número de auxiliares/técnicos de enfermagem presentes nos cursos de graduação.

Acreditamos que uma das grandes responsabilidades dos órgãos formadores é promover a mudança de comportamento dos estudantes-trabalhadores de enfermagem que estão se formando enfermeiros. A partir do revelado por meio dos dados deste estudo, há necessidade de se lançar um “olhar atento” para esse tipo de aluno. A preocupação não deve voltar-se apenas para o técnico-científico, para o fazer, mas também para a atitude desses sujeitos, tarefa esta que pensamos ser um grande desafio, pois envolve o compromisso com a transformação social dessas pessoas.

É preciso enfrentar o desafio de levar essa discussão não só às escolas de enfermagem, como também a todos os locais onde a enfermagem atua, pois consideramos que os serviços de educação continuada podem assumir, paralelamente às escolas, a responsabilidade por reverter esse quadro, especificamente junto aos enfermeiros que foram estudantes-trabalhadores de enfermagem e já estão inseridos no mercado de trabalho. O grande desafio da mudança não está lançado apenas para as escolas e os serviços de educação continuada das instituições de saúde, mas está lançado também para os próprios sujeitos que vivenciaram esta situação.

Esperamos que as interpretações das categorias e as considerações contidas neste estudo sirvam de oportunidade para que cada um de nós, profissionais de enfermagem, possa refletir sobre nossa responsabilidade nesta situação.

REFERÊNCIAS

1. Costa MLAS. Estudante-trabalhador de enfermagem: desvelando esta nova realidade [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1992.
2. Costa MLAS. Ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem: um enfoque da fenomenologia social [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2001.
3. Schutz A. Fenomenologia del mundo social: introducción a la sociología comprensiva. Buenos Aires: Paidós; 1972.
4. Schutz A, Wagner HR, organizador. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar; 1979.
5. Jesus MCP. A educação sexual na vida cotidiana de pais e adolescentes: uma abordagem compreensiva da ação social [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1998.
6. Capalbo C. Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz. 2a ed. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; 1998.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução 196/96. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 1996.
8. Martins J, Bicudo MAV. Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação. São Paulo: Moraes; 1983.
9. Merighi MAB. Trajetória profissional das enfermeiras obstétricas egressas da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: um enfoque da fenomenologia social. Rev Latinoam Enferm. 2002; 10(5): 644-53.
10. Fustinoni SM. As necessidades da parturiente: uma perspectiva compreensiva da ação social [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2000.
11. Schutz A. Estudos sobre teoria social. Buenos Aires: Amorrortu; 1974.